

GRUPOS ESCOTEIROS E A CONSTRUÇÃO DE ATITUDES DE OEDIÊNCIA E DISCIPLINA ENTRE CRIANÇAS E JOVENS.

Marianna Lahr Faustino¹

Resumo: O presente trabalho trata da construção de atitudes de obediência e disciplina entre os membros juvenis do movimento escoteiro no Brasil. Tendo como base metodológica, a sociologia da dominação de Max Weber, em especial seus três tipos puros de dominação legítima. Como forma de compreender como a hierarquia, presente e difundida por este movimento voluntário de conduta e valores militares, se desenvolve entre todos os ramos do escotismo, tanto entre os próprios os jovens, como na relação entre estes e os adultos voluntários, desenvolvendo assim autoridades racionais e tradicionais, e lideranças carismáticas. A dominação se apresenta enquanto capacidade de manter a iniciativa das ações sociais em um exercício persistente do poder, onde o direito de mando e o dever de obediência são fundamentais. Poder, autoridade e hierarquia são elementos que se mostram intensamente vivos e ativos no movimento escoteiro, desde sua gênese na Inglaterra no início do século XX – com Baden-Powell, seu fundador – até o escotismo desenvolvido no Brasil atualmente. Sendo assim, autoridades e lideranças juvenis são desenvolvidas, difundidas e reproduzidas no interior dos Grupos Escoteiros tanto em nível mundial como nacional. O estudo em questão se pauta então em uma análise teórica da literatura escoteira, tanto em nível mundial evidenciado pelo livro *Escotismo para rapazes*, como na bibliografia fornecida pela União dos Escoteiros do Brasil (U.E.B.), em especial o manual de *Princípio, Organização e Regras (P.O.R.)* e seus *guias de progressão pessoal*.

Palavras Chave: escotismo, dominação, hierarquia, obediência, disciplina

¹ Graduanda do curso de bacharel em Ciências Sociais na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, campus de Marília. Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, campus de Marília Email: marianna.lahr@gmail.com

O trabalho a ser apresentado neste texto consiste em um estudo voltado a compreender como se dá a construção de atitudes de obediência e disciplina entre os membros juvenis do movimento escoteiro, tendo como base metodológica a sociologia compreensiva de Max Weber, em especial seus tipos puros de dominação legítima. Numa busca por analisar como direitos de mando e deveres de obediência são compreendidos entre os escoteiros, tanto na fundação do movimento em 1907 na Inglaterra, como no caso brasileiro atual – evidenciado pela União dos Escoteiros do Brasil, comumente conhecida, e valorizada nacionalmente, como U.E.B. Analisando assim, como relações sociais baseadas em exercícios de poder legitimados por autoridades racionais (legais) e tradicionais, bem como lideranças carismáticas, são desenvolvidas, difundidas e reproduzidas, seja entre os próprios jovens, como na relação destes com os adultos voluntários.

Partindo de uma análise weberiana, a obediência está fortemente ligada à imposição de autoridade do dominador sobre seu subordinado, no caso do escotismo tal subordinação está diretamente ligada à hierarquia militar presente na gênese de tal movimento, este detalhe será aprofundado de melhor forma no desenvolvimento do texto. Um entendimento de como as ações sociais obedientes e disciplinadas são reproduzidas por meio da imposição de uma autoridade – não apenas no movimento escoteiro mas em toda e qualquer relação social que envolva poder de mando – deve antes de tudo se pautar na compreensão de como estas autoridades são constituídas, para somente assim legitimar a obediência também contida em tal relação social. Weber já se propôs a isso em sua obra *“Economia e sociedade”* (WEBER, 1999), mais especificamente no primeiro capítulo *“Conceito sociológicos fundamentais”* (WEBER, 1999, p. 139), como evidenciado no trecho:

“A disposição de uma ou várias pessoas de se submeter a imposição de uma ordem (...) pressupõe a crença na autoridade em algum sentido legítima daquele ou daqueles que impõem nessa ordem.” (WEBER, 1999, p. 23)

A legitimidade de tais ordens autoritárias e conseqüentemente a legalidade de sua obediência se encontram em melhor nível de desenvolvimento analítico do autor em seu estudo sobre a dominação. Dominação se apresenta enquanto capacidade de manter a iniciativa das ações sociais em um exercício persistente do poder (WEBER, 1999), onde uma conduta disciplinada é de essencial importância. A conduta escoteira se encontra enraizada na gênese militarista, presente no movimento desde sua fundação até os dias de hoje. Embora o escotismo se qualifique por atividades significativamente práticas e em especial efetuadas ao ar livre, este estudo se volta

essencialmente a uma análise puramente teórica da literatura escoteira, buscando identificar como o valor de obediência a ordens legítimas se encontra presente nos documentos da bibliografia da U.E.B. – em especial o manual de “Princípio, Organização e Regras” (U.E.B., 2008), comumente chamado apenas de “P.O.R”. e seus “*Guias de progressão pessoal*” (U.E.B., 2010) – bem como, na máxima teórica do movimento em nível mundial publicada por seu fundador Lord Baden-Powell of Gilwell: “Escotismo para rapazes: Um manual de instrução de boa cidadania por meio das artes mateiras” (BADEN-POWELL, 1990).

Antes de qualquer aprofundamento no tema e até mesmo na metodologia a ser aplicada, é necessário destacar que se trata de um trabalho ainda em vias de desenvolvimento a ser entregue como monografia para a conclusão do curso de ciências sociais na Unesp de Marília. Maiores aprofundamentos analíticos bem como conclusões válidas, ainda se encontram em vias de formatação, o que acarreta que tal trabalho faça apenas referências breves às fases de pesquisa em melhor via de elaboração. É pertinente também neste primeiro momento, apresentar em linhas gerais o movimento a ser tomado como objeto de estudo, em especial as particularidades apresentadas no caso brasileiro.

O escotismo tem como principal objetivo ampliar a relação do jovem com o próximo, com Deus – sem ter ligação direta com religiões – e essencialmente consigo mesmo, auxiliando em seu desenvolvimento físico, intelectual, social, espiritual, afetivo, e principalmente na formação de seu próprio caráter. Para isso se utiliza de vivência ao ar livre, trabalho em equipe, e busca a aprendizagem pelo serviço e pela ação, o tido aprender fazendo. No caso brasileiro se encontra dividido em quatro ramos, sendo eles: lobinho, escoteiro, sênior e pioneiro; que se distinguem por programas e atividades diferentes, dentro da mesma metodologia escoteira, voltadas para ambos os sexos, compreendendo crianças e jovens com idade de 07 a 21 anos. Bem como adultos voluntários, denominados escotistas ou chefes.

Quando nos referimos ao movimento brasileiro, vamos de encontro diretamente a União dos Escoteiros do Brasil, comumente conhecida, e valorizada nacionalmente, como U.E.B. – como já citado anteriormente no início deste texto. Esta por sua vez, disponibiliza uma infinidade de materiais impressos e eletrônicos² com a finalidade de agir como instrumento de base, para direcionar e avaliar o desenvolvimento individual das crianças e jovens membros do movimento. Embora seja grande a produção teórica, esta por muitas vezes se volta aos escotistas, os membros juvenis detêm

² <http://www.escoteiros.org.br>

maior acesso apenas aos guias de progressão pessoal, para os quais maiores aprofundamentos analíticos serão traçados mais adiante.

Segundo o projeto educativo da U.E.B., o movimento escoteiro tem como objetivo principal oferecer à sociedade um indivíduo dotado de certas características as quais o movimento escoteiro considera relevantes, neste momento já se tornam perceptíveis como valores de liderança e disciplina se encontram presentes na literatura escoteira, sendo de fundamental importância na construção deste tipo idealizado – utilizando aqui termos weberianos – de cidadão para o mundo. Diz o *Projeto Educativo* (U.E.B., 2002)

“O HOMEM E A MULHER QUE PRETENDEMOS OFERECER À SOCIEDADE: Desejamos que os jovens que tenham sido Escoteiros façam o seu melhor possível para ser: Um homem ou uma mulher reto de caráter, limpo de pensamento, autêntico em sua forma de agir; leal, digno de confiança. Capaz de tomar suas próprias decisões, respeitar o ser humano, a vida e o trabalho honrado; alegre, e capaz de partilhar sua alegria. Leal ao seu país, mas construtor da Paz, em harmonia com todos os povos. Líder a serviço do próximo. Integrado ao desenvolvimento da sociedade, capaz de dirigir, de acatar leis, de participar, consciente de seus direitos, sem se descuidar de seus deveres. Forte de caráter, criativo, esperançoso, solidário, empreendedor. Amante de natureza, e capaz de respeitar sua integridade. Guiado por valores espirituais, comprometido com seu projeto de vida, em permanente busca de Deus e coerente em sua fé. Capaz de encontrar seus próprios caminhos na sociedade e ser FELIZ.” (UEB, 2002, p. 4)

Como recorte de estudo do trabalho em questão, toma-se a Lei Escoteira³ como eixo principal, tal lei se apresenta dividida em dez artigos e as indagações e estudos próprios deste trabalho se voltam especificamente ao sétimo: *O escoteiro é obediente e disciplinado* (U.E.B., 2002, p. 02). Baden-Powell, líder e fundador do movimento escoteiro em nível mundial, discorre a respeito destas tidas obediência e disciplina a serem vivenciadas pelos membros juvenis. Tais formulações são adaptadas as realidades próprias dos países onde o movimento se instala, partindo sempre deste viés inicial de fundamentação. Diz ele no livro “Escotismo para rapazes”, principal obra teórica do movimento:

³ 1. O Escoteiro tem uma só palavra; sua honra vale mais que sua própria vida. 2. O Escoteiro é leal. 3. O Escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação. 4. O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros. 5. O Escoteiro é cortês. 6. O Escoteiro é bom para os animais e as plantas. 7. O Escoteiro é obediente e disciplinado. 8. O Escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades. 9. O Escoteiro é econômico e respeita o bem alheio. 10. O Escoteiro é limpo de corpo e alma.

“O ESCOTEIRO OBEDECE SEM VACILAR AS ORDENS DOS SEUS PAIS, DO SEU MONITOR OU DO SEU CHEFE ESCOTEIRO. Mesmo que receba uma ordem que não lhe agrade, deve fazer como fazem os soldados e marinheiros, ou como ele próprio faria cumprindo as ordens do capitão da equipe de futebol: deve cumpri-la da mesma forma porque é o seu dever. Depois de cumprida a ordem, ele deve voltar e apresentar as razões que tinha contra a ordem dada. Mas a ordem deve ser cumprida imediatamente. Isto é disciplina.” (BADEN-POWELL, 1990, p. 26)

Antes de qualquer argumentação, se faz necessário um apontamento a respeito de que o livro de Baden Powell se denomina “Escotismo para rapazes” visto que o movimento se iniciou como apenas voltado ao sexo masculino, tanto sua irmã como sua mulher, se dedicaram a elaboração de um movimento voltado as moças – no caso o movimento bandeirante – com o caminhar das transformações sociais, ambos os movimentos se tornaram voltados para ambos os sexos, em nível mundial, e hoje são vistos como complementares, já que possuem o mesmo viés primeiramente fundado. No caso Brasileiro, o movimento escoteiro também se iniciou enquanto apenas voltado aos rapazes, mas atualmente não faz nenhum tipo de distinção de gênero, sendo aberto a todos, bem como cargos hierárquicos são obtidos de forma igual por rapazes e moças. Desta forma, o documento da U.EB. faz referencia a homens e mulheres, enquanto o de Baden Powell faz referencia tão somente aos rapazes.

Baden-Powell se apresenta como contemporâneo ao teórico clássico da sociologia Max Weber, visto que ambos vivenciaram as intensas transformações da latente modernidade a se fomentar na Europa – Baden-Powell na Inglaterra e Weber na Alemanha – no momento de transição do século XIX para o século XX, vivencias estas evidenciadas em ambas produções teóricas, tanto na literatura escoteira como nas contribuições sociológicas weberianas. Max Weber também se propôs a discorrer e principalmente compreender atitudes ligadas à obediência em especial relacionando esta ação social com seu conceito de dominação legítima, onde o poder autoritário – presente no mando e na imposição de ordens – e o interesse na obediência – presente na submissão a dominação – são evidenciados. Diz o teórico alemão em sua obra “Economia e Sociedade”, mais especificamente no “Capítulo III – Os tipos puros de dominação”:

“(…) possibilidade de encontrar obediência para ordens específicas (ou todas) dentro de um determinado grupo de pessoas. Não significa, portanto, toda espécie de possibilidade de exercer “poder” ou “influência” sobre outras pessoas. Em cada caso individual, a dominação (“autoridade”) assim definida por basear-se nos mais diversos motivos de submissão: desde o hábito inconsciente até

condições puramente racionais, referentes a fins. Certo mínimo de vontade de obedecer, isto é, de interesse (interno ou externo) na obediência, faz parte de toda relação autêntica de dominação". (WEBER, 1999, p.139)

Partindo destes breves fragmentos, é possível relacionar as duas ideias em uma mesma linha de análise compreensiva. Tornam-se nítidas as figuras detentoras de autoridade, direito de mando e imposição de ordens no interior do escotismo: monitores de patrulha e chefes de tropa. Demais escoteiros – denominados elementos – são, então, detentores do dever de obediência e de uma conduta disciplinada voltada ao cumprimento e a submissão às ordens. Monitores e chefes acabam por exercer ações sociais de dominação perante seus subordinados juvenis, tais dominações são legitimadas por meio de suas autoridades racionais e tradicionais, ou pelo carisma pessoal dos indivíduos. Estas legitimidades serão abordadas de melhor forma no andamento deste texto, cabendo agora apenas ressaltar que este trabalho não busca categorizar em que momentos as dominações escoteiras se evidenciam como puramente racionais, puramente tradicionais ou puramente carismáticas, mas sim utilizar tais conceitos como base no entendimento de uma dominação escoteira a ser reproduzida no interior do movimento.

Tomando como foco de abordagem a figura do monitor, se torna possível evidenciar como dominações racionais, tradicionais e carismáticas se apresentam de forma híbrida no entendimento de uma dominação escoteira, o que acarreta a imposição de ordens e mandos, e conseqüentemente uma submissão obediente e uma conduta disciplinada. O monitor se destaca como detentor do mais elevado cargo hierárquico da patrulha, com isso sua autoridade já se constitui como racional, vista que se encontra “baseada na crença na legitimidade das ordens estatuídas” (WEBER, 1999, p.141), ou seja, se encontra pautada na burocratização dos cargos escoteiros, advinda da hierarquia militar presente na gênese deste movimento. Ao mesmo tempo também é uma autoridade tradicional, já que a legitimidade de suas ordens se encontra “baseada na crença cotidiana na santidade das relações vigentes” (WEBER, 1999, p.141), havendo assim, dentro de uma tradição escoteira – que já se apresenta centenária não apenas no Brasil como no mundo – o “costume” (WEBER, 1999, p. 18) de que membros juvenis se submetam a autoridade tradicional empreendida por seu monitor.

O monitor não é visto apenas como autoridade racional e tradicional, mas especialmente como uma liderança juvenil, onde suas qualidades e virtudes pessoais, ou seja, seu carisma perante os demais membros de sua patrulha é fundamental. Na literatura escoteira tal fato é evidenciado por Baden-Powell como: “(...) a coisa mais

importante é o próprio exemplo.” (BADEN-POWELL, 1990, p. 58). Tendo em vista especificamente o caso da dominação carismática, assim como Weber, a literatura escoteira – tanto mundial como nacional – se dedica de forma particular ao conceito de liderança, no caso do escotismo, especialmente a liderança juvenil. Uma abordagem focada de forma mais enfática neste ponto ainda se encontra em vias de formulação analítica, sendo assim merece apenas este breve apontamento.

No que diz respeito à literatura escoteira em nível nacional, o principal documento elaborado e fornecido pela U.E.B. vem a ser o “Programa de Organização e Regras” (U.E.B., 2008) comumente conhecido e difundido pelos escoteiros brasileiros como “P.O.R.”. Este programa – como o próprio nome já evidencia – contém toda a burocracia escoteira a qual o movimento brasileiro está submetido, e obviamente, faz referências diretas aos conceitos de hierarquia, dominação, autoridade, liderança, obediência e disciplina. A figura do monitor também acaba por ganhar destaque neste momento, e novamente é evidenciado seu ideário – tipo ideal weberiano – de liderança juvenil. Trecho do “P.O.R.” que evidencia tal fato:

“O Monitor é um jovem que está desenvolvendo sua capacidade de liderança. Como tal, é responsável pela administração, disciplina, treinamento e atividades de sua Patrulha. Preside o Conselho de Patrulha, organiza a programação das reuniões e demais atividades da Patrulha e transmite aos companheiros os conhecimentos, habilidades e técnicas escoteiras. Cabe-lhe zelar para que seus companheiros distribuam entre si, segundo critérios próprios de cada Patrulha, as tarefas e os encargos necessários ao bom funcionamento da Patrulha.” (U.E.B., 2008, p. 28)

O destaque a figura do monitor – tanto na literatura mundial como na nacional – se deve ao fato de que os membros juvenis detêm “autonomia para assumir o seu próprio desenvolvimento” (UEB, 2002, p. 6), ou seja, para assumir a responsabilidade sobre os processos de estabelecimento identitário aos quais estão submetidos. Assim como indica Florestan Fernandes em seu texto “As “trocinhas” do Bom Retiro, presente no livro *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*” (FERNANDES, 1961), os jovens quando integrados em grupos desenvolvem suas próprias atividades e regras de acordo com um contexto dado e constantemente são balizados pelos adultos presentes – no caso do escotismo, os escotistas ou chefes – de forma a não fugir dos valores pré-estabelecidos, “tornando-se este momento essencial para compreender aspectos do comportamento dos imaturos em seus próprios grupos sociais” (FERNANDES, 1961, p.234). Sendo assim, é pretendido que a autoridade juvenil do monitor se constitua como norteadora do desenvolvimento dos elementos de

sua patrulha, sendo suas virtudes pessoais de suma importância como exemplo a ser seguido pelos demais.

Tendo como foco essa busca por um desenvolvimento autônomo mesmo que submetido à hierarquia e dominação típicas e legítimas do escotismo, a U.E.B. buscou desenvolver uma literatura diretamente voltada ao jovem, como forma de acompanhar e direcionar seus vários níveis de desenvolvimento pessoal, tal material se denomina - como já citado anteriormente - “*Guias de Progressão Pessoal*”. As progressões pessoais se constituem enquanto “Alcateia em Ação” (U.E.B., 2010) para os membros com idade entre 07 e 11 anos, pertencentes ao ramo lobinho; “Tropa Escoteira em Ação” (U.E.B., 2010), direcionada a faixa etária de 11 a 15 anos, ramo escoteiro; “Tropa Sênior em Ação” (U.E.B., 2010), para os jovens de 15 a 18 anos, ramo sênior e “Clã Pioneiro em Ação” (U.E.B., 2010), para os membros com idade entre 18 e 21 anos, que mesmo já compreendidos como maiores de idade, ainda se enquadram enquanto membros juvenis. Tais guias exercem papel fundamental na consolidação dos valores de obediência e disciplina, aliados ao desenvolvimento de autoridades juvenis, sendo assim também constituem a literatura escoteira a ser analisada no trabalho em questão. Este momento da pesquisa, ainda se encontra desenvolvido de forma empobrecida, sendo assim particularidades e apontamento referentes aos guias não serão citados em loco neste momento.

O ramo lobinho compreende crianças pertencentes ao nível fundamental da hierarquia escolar, onde é necessário que o menino ou a menina integrante da alcateia já se apresentem alfabetizados. Neste ramo tanto ensinamentos e atividades, como a literatura, se pautam no “Livro da Jangal”, de autoria do escritor inglês Rudyard Kipling, onde tendo como plano de fundo a história de Mowgli, o menino lobo, e o aprendizado se pauta nos ensinamentos dos animais da selva, como Baloo, Bagheera e Kaa. O guia de progressão pessoal deste ramo se apresenta como Alcateia em Ação, dialoga diretamente com as aventuras de jângal e dentre os demais guias, vem a ser o que contém um nível lúdico mais elevado.

Escoteiros e escoteiras tem a sua disposição em seus grupos, o guia de progressão pessoal Tropa Escoteira em Ação, este se destaca pelo fato de buscar uma aproximação mais direta com a obra fundamental de Baden Powell - “Escotismo Para Rapazes”. Nele, os jovens são convidados a explorar diversas habilidades, tanto próprias quanto desenvolvidas em conjunto, no caso, em patrulhas. Desta forma embora se apresente enquanto progressão pessoal os conceitos de obediência e disciplina são também desenvolvidos como valores coletivos, enquanto a hierarquia começa a se expor de forma mais nítida e a dominação legítima se torna mais latente, principalmente levando-se em conta que nesta fase da vida, entre 11 e 15 anos, o

jovem busca se destacar perante aos demais, e com isso, o ideal de liderança ganha força, e com isso. A ideia de liderança se constitui, aqui, enquanto característica fundamental para um tipo ideal pretendido pelo movimento, como se torna possível evidenciar no trecho:

“Tropa Escoteira em Ação é uma publicação dirigida aos jovens de 11 a 14 anos, escoteiras e escoteiros, que terão a oportunidade de vivenciar muitas atividades e aventuras inesquecíveis com seu grupo de amigos. Ao mesmo tempo, explorando novos territórios, poderão aprender muito e desenvolver importantes habilidades que serão úteis por toda a vida, inclusive cultivando atitudes e valores que nos tornam pessoas melhores a cada dia.” (UEB, 2010, p. 04)

O guia de progressão pessoal Tropa Senior em Ação, voltado para seniors e guias, compreende uma maior aproximação com a alta carga militarista ainda enraizada no escotismo brasileiro, tanto o ramo em questão quanto o material didático especificamente, buscam o desafio e a aventura. Nesta busca por desafio e aventura, se torna necessário uma responsabilidade elevada, para que os riscos a quais os jovens são submetidos e até mesmo se submetem por vontade própria, não se tornem perigo e algo nocivo. Numa busca por segurança e liberdade individual e coletiva, liderança é fator fundamental para as atividades a serem desenvolvidas, liderança esta se tornara essencial em futuro não muito distante, visto que, ao fim desta progressão, o jovem se apresenta enquanto maior de idade, e seus desafios e perspectivas caminham para além da dominação burocrática perante seus pais e professores.

Por fim, o Clã Pioneiro em Ação se transforma em um híbrido entre um sistema de progressão pessoal, e um real preparo para a principal elevação hierárquica do movimento, que se apresenta enquanto deixar de ser membro juvenil, e se transformar em escotista, ou seja, se tornar ainda mais dominante em relação aos demais do movimento, o que acaba por acarretar em uma expectativa de obediência e disciplina muito mais elevada do que as já pretendidas anteriormente nos demais ramos.

Os guias de progressão pessoal buscam direcionar uma auto-avaliação dos membros juvenis perante seus avanços e conquistas no que diz respeito a se tornar o homem e a mulher que o movimento escoteiro pretende a sociedade, norteando-se por um aprender e um crescimento contínuo. Mesmo sendo um movimento disseminado pelo mundo são poucas as pesquisas científicas que tem como base este tema, apenas algumas no ramo da pedagogia que levam em conta seu caráter pedagógico e sua atividade disciplinatória. Poucos lançam um olhar sociológico sobre o movimento, é preciso modificar ideias já fundadas sobre lobinhos, escoteiros, seniors, pioneiros ou escotistas, é preciso expandir a percepção, não restringir o

conhecimento sobre o tema aos nós, amarras, canções, acampamentos, trabalhos sociais e contato com a natureza.

Retomando o balizamento de conduta citado anteriormente, vale destacar que, a real decisão sobre uma serie de assuntos pertinentes as atividades escoteiras, se encontra nos próprios jovens, e na sua aceitação voluntaria das regras morais que o grupo auto impõe para si. Os escotistas estão presentes apenas como forma de equilíbrio, para evitar que os jovens saiam de limites aceitáveis, no que se refere às condutas desejadas pelo movimento. Desta forma, tanto a imposição da ordem como a submissão obediente a esta, não se constitui somente entre os próprios jovens, mas também na relação social estabelecida para com os adultos voluntários. O seguinte trecho do *P.O.R.* evidencia este caso:

“O Chefe de Seção e seus Assistentes têm como principais atribuições apoiar os jovens da Tropa, especialmente seus Monitores e Submonitores, em todas as necessidades decorrentes do cumprimento do Programa de Jovens e zelar pela integral aplicação do Método Escoteiro, sem prejuízo das demais atribuições que decorrem de seu trabalho como educadores voluntários de tempo livre.” (U.E.B., 2008, p. 27).

A dominação escoteira exercida pelos escotistas segue em linhas gerais as mesmas características legítimas das dominações impostas pelos jovens monitores, seja pautada em autoridades racionais e tradicionais, ou em lideranças carismáticas. Sendo assim a submissão e a obediência dos demais membros da tropa é reproduzida quase que inteira mente da mesma forma, bem como a conduta disciplinada também é semelhante. O que particulariza a dominação dos escotistas é o fato destes não serem mais categorizados enquanto membros juvenis. Embora também seja de grande importância neste estudo, detalhamentos a esse respeito não serão desenvolvidos neste momento, mas sim o foco se voltara para as especificidades do escotismo brasileiro.

No caso brasileiro, a carga dominativa do movimento escoteiro se torna ainda mais presente, não apenas pelo fato deste ter se instaurado em solo no país através de militares ligados à marinha – no ano de 1910 – mas também por grande parte dos grupos escoteiros terem se originado no interior de escolas ou igrejas, já que o escotismo era visto – no momento – como forma de doutrinação não apenas religiosa, mas também como forma educação extraescolar. Sendo assim, se torna novamente pertinente, o enfoque na temática da obediência e principalmente a relação desta para com uma conduta de ação disciplinada, tanto pelo ponto de vista religioso como pelo escolar. Valendo destacar aqui que o escotismo se propõe a *complementar a*

formação que cada criança ou jovem recebe de sua família, de sua escola e de seu credo religioso, e de nenhum modo deve substituir essas instituições. (U.E.B., 2008, p. p.11).

Tendo como viés de estudo a relação dos grupos escoteiros com instituições formais de educação – no caso escolas – se torna possível um desdobramento teórico que se aproxima de outro autor clássico da sociologia, o francês Emile Durkheim, mais especificamente ao seu estudo *A educação moral* (DURKHEIM, 2008). Apesar de não ser o autor norteador da metodologia – sociologia da dominação de Weber – deste trabalho convém observamos como se dá a relação entre moral e educação na vida coletiva, seja nas escolas francesas como foi o caso de Durkheim, seja no movimento escoteiro, como é pretendido neste projeto. A imposição de uma autoridade – seja ela racional, tradicional ou até mesmo uma liderança carismática – esta fortemente ligada a concepção de disciplina, o que acaba por se desdobrar em moral e conduta enquanto reguladoras de comportamento. Durkheim acreditava que a disciplina era um aspecto essencial da conduta moral, sendo de grande importância o papel da disciplina escolar, devendo esta se caracterizar por deveres destinados ao uso da razão e que permita a criança perceber a autoridade moral que há em cada regra ou ordem. Desta forma, tal estudo positivista se apresenta como uma reflexão muito pertinente em uma análise sobre o movimento escoteiro, como a pretendida neste trabalho.

O historiador brasileiro Jorge Carvalho do Nascimento em seu livro “A escola de Baden-Powell: Cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado na Brasil” (NASCIMENTO, 2008), discorre a respeito de como se deu a apropriação do movimento escoteiro enquanto política educacional de Estado em seus momentos iniciais de consolidação a realidade brasileira. Torna-se essencial destacar, neste ponto, a análise que o autor tece sobre os aspectos que tangem a militarização da infância no escotismo escolar brasileiro, sendo tal militarização também de fundamental importância para o desenvolvimento de atitudes obedientes e disciplinadas entre os membros juvenis do movimento. Nas palavras do autor:

“Como em outros países, a militarização da infância por meio do escotismo escolar foi o caminho adotado por aqueles que pretenderam, no Brasil, transformar o movimento fundado por Baden-Powell em política de Estado. As principais lideranças políticas do país e intelectuais com responsabilidades como dirigentes da Educação viam o escotismo como um modelo pedagógico que poderia contemplar o trabalho das escolas, oferecendo ao escotismo importância, legitimidade e reconhecimento oficial.” (NASCIMENTO, 2008, p. 272)

Uma militarização da infância se constitui no movimento através do alto nível hierárquico, presente não apenas nas relações sociais que compreendem adultos exercendo altos níveis de autoridade perante os jovens, como também numa hierarquia entre pares, onde os próprios jovens reproduzem autoridades entre seus iguais, evidenciando-se os casos dos monitores, que são autoridade juvenil das patrulhas. Ambos os casos – em especial o dos monitores de patrulha – já foram citados anteriormente neste texto, cabendo aqui, apenas esta ressalva ao caso brasileiro.

Por fim, cabe ressaltar que por se tratar de uma pesquisa puramente teórica, o trabalho em questão não busca e nem pretende inicialmente um contato próximo com os membros juvenis do escotismo, mas sim, somente com seus materiais teóricos. Estudos que tomam como foco de análise antropologia da criança, sociologia da infância e juventude, se apresentam como complementares nos questionamentos, principalmente, no que diz respeito a como tais agentes sociais constroem sociabilidades, auxiliando-os em se tornar sujeitos de conhecimento, bem como podem ganhar destaque em projetos futuros e novos questionamentos possíveis, uma vez que a pesquisa em questão pode vim a tomar rumos para além da iniciação científica no ramo das ciências sociais.

Bibliografia:

- BADEN-POWELL, R. "Escotismo para rapazes: Um manual de instrução de boa cidadania por meio das artes mateiras". Brasília, Editora Escoteira, 1990.
- DURKHEIM, E. "A educação moral". São Paulo, Editora Vozes, 2008.
- FERNANDES, F. "As "trocinhas" do Bom Retiro". In: FERNANDES, F. Folclore e mudança social na cidade de São Paulo. São Paulo, 1961.
- NASCIMENTO, J. C. "A escola de Baden-Powell: Cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado na Brasil". Rio de Janeiro, Editora Imago, 2008.
- UEB. "Principio, Organização e Regras". Brasília, UEB/DN, 2008.
- UEB. "Projeto educativo". Brasília, UEB/DN, 2002.
- UEB. "Tropa escoteira em ação". Brasília. UEB/DN, 2010.
- WEBER, M. "Sociologia da dominação". In: WEBER, M. Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, Editora UnB. São Paulo, Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 1999.